

**Pontes sobre o rio Capiberibe e o mar****Brigdes over the Capiberibe river and the sea**Ana Cristina Marinho<sup>67</sup><https://orcid.org/0000-0003-2645-6113>

**Resumo:** O artigo busca construir uma cartografia de duas editoras/livrarias que publicavam/comercializavam coleções de livros populares em finais do século XIX e início do XX: a Livraria Portuguesa, localizada na cidade do Porto, e a Livraria Contemporânea, localizada na cidade de Recife, Pernambuco. Nesse mapa, encontramos dois comerciantes portugueses e um terceiro personagem, o poeta, editor e comerciante de livros Leandro Gomes de Barros, que viveu na cidade de Recife e manteve, nas duas primeiras décadas do XX, uma intensa atividade ligada ao livro e à leitura, caracterizando-se como um agente literário. O encontro desses três personagens possibilita discussões sobre a escrita, a leitura e a comercialização de livros no início do século XX, no Brasil e em Portugal. O percurso teórico foi norteado por discussões sobre a história do livro e da leitura encontradas em Abreu (1999), Chartier (1997), Anselmo (1991) e Venâncio (2005), além de estudos sobre cartografias literárias de Fernandes (2012), Cury (2007), Harley (1990) e Martin-Barbero (2004).

**Palavras-chave:** Leandro Gomes de Barros; Livraria Contemporânea; Livraria Portuguesa; Edições populares.

**Abstract:** The article seeks to build a cartography of two publishers/bookstores that published/ marketed collections of popular books in the late 19th and early 20th centuries: Livraria Portuguesa, located in the city of Porto, and Livraria Contemporânea, located in the city of Recife - Pernambuco. On this map, we find two Portuguese traders and a third character, the poet, editor, and book trader Leandro Gomes de Barros, who lived in the city of Recife and maintained, in the first two decades of the 20th, an intense activity linked to books and reading, being characterized as a literary agent. The meeting of these three characters allows discussions about writing, reading, and selling books in the early 20th century, in Brazil and Portugal. The journey was guided by discussions about the history of books and reading (Abreu, 1999; Chartier, 1997; Anselmo, 1991; Venâncio, 2005), in addition to studies on literary cartography (Fernandes, 2012; Maria Zilda Cury, 2007; Harley, 1990; Martin-Barbero, 2004).

**Key-Words:** Leandro Gomes de Barros; Livraria Contemporânea; Livraria Portuguesa; Popular Editions.

---

<sup>67</sup> Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.



Neste texto, busco refazer os caminhos de uma editora do Porto, a Livraria Portuguesa, que publicava livros de cordel e os enviava para o Brasil, já em finais do século XIX e início do século XX. Nessa mesma época, criava-se e consolidava-se no Brasil a literatura de folhetos, diferente em vários aspectos da literatura de cordel portuguesa. As obras impressas pelo editor português Joaquim Maria da Costa, e enviadas a Pernambuco, eram vendidas na Livraria Contemporanea, de Ramiro Moreira da Costa, casa frequentada pela elite pernambucana e também pelo poeta Leandro Gomes de Barros. Seguirei os passos de dois editores de livros “populares” e um proprietário de livraria que exerciam suas atividades no período que vai de 1883 (data mais antiga de publicação de obras pela Livraria Portuguesa a que tive acesso) a 1918 (ano da morte de Leandro Gomes de Barros).

Quando iniciei a pesquisa nos arquivos da Biblioteca Nacional do Porto, não esperava me “encontrar” com o poeta Leandro Gomes de Barros, antigo conhecido dos estudos sobre tradições orais e populares que fazem parte da minha trajetória como pesquisadora e professora de literatura na Universidade Federal da Paraíba.<sup>68</sup> Inquietavam-me, naquele ano de 2013, as discussões veiculadas em jornais e revistas, e também em ambientes de discussão acadêmica (congressos, seminários) sobre os “novos escritores” de literatura brasileira que circulavam em diferentes espaços, participavam de feiras literárias e estabeleciam relações diferenciadas com as editoras, o mercado, o público e a crítica.

Para Maria Zilda Cury, é possível falar em novas cartografias literárias, nesses primeiros anos do século XXI, pois os escritores assumem a postura de agentes culturais, “transitando por espaços que não o estritamente literário, o que, inevitavelmente, interfere na escrita de seus textos” (CURY, 2007, p. 7). Pensando na literatura de folhetos no Brasil, chamada por Márcia Abreu de um gênero editorial e não apenas um gênero literário (ABREU, 1999), essas “novas geografias narrativas” não me pareciam tão novas assim. Os poetas populares, nas primeiras décadas do século XX, eram agentes culturais, viajantes performáticos, sobreviventes do verso e da lira.

No estudo sobre a Tipografia São Francisco (1940-1972), em Juazeiro do Norte- CE, Rosilene Melo evidencia o quanto a história das tipografias populares está ligada às estratégias de sobrevivência criadas pelos poetas e editores, em um mercado que sofre tanto influências econômicas quanto religiosas, familiares e afetivas (MELO, 2010). A literatura de folhetos no Brasil acompanhou os caminhos da estrada de ferro, do algodão e da borracha, mas também os caminhos da fé, do misticismo, do encantamento pelo verso que transformaram pequenas cidades, como Juazeiro do Norte, em grandes centros de distribuição de folhetos de cordel.

No Nordeste brasileiro surgiram, ainda nas quatro primeiras décadas do século XX, tipografias em cidades como Areia, Itabaiana, Guarabira e Catolé do Rocha-PB, Novas Russas-CE e Currais Novos-RN. Em Juazeiro do Norte, a Tipografia São Francisco, posteriormente Lira Nordestina, se configurou como a maior editora popular, sobrevivendo durante 30 anos e agregando em torno da produção e venda de folhetos poetas, cantadores, dançadores de coco e reisado, praticantes de umbanda e candomblé, astrólogos, curandeiros, rezadores, artistas da madeira, da palha, do barro.

Se fosse possível desenhar novos mapas culturais no Brasil, a partir da trajetória de poetas e vendedores de folhetos, as cidades de Belém (Editora Guajarina), Juazeiro do Norte (Tipografia São Francisco), Campina Grande (Tipografia Estrela da poesia) e São Paulo (Editora Prelúdio) estariam muito mais próximas da cidade de Recife, lugar escolhido por Leandro Gomes de Barros para editar seus folhetos, do que os estados vizinhos do Rio Grande do Norte e Alagoas.

<sup>68</sup> A pesquisa aqui apresentada foi feita durante o estágio de pós-doutorado, realizado sob a supervisão do professor Francisco Topa, na Universidade do Porto, entre setembro de 2013 e agosto de 2014.

A construção de territórios se dá a partir de interesses comerciais, políticos, mas também simbólicos, afetivos, emocionais. As fronteiras geográficas ou políticas não podem ser referências para a delimitação de territórios culturais. Hoffman (1999) considera a desterritorialização como marca dominante nas produções literárias da última década do século XX. Personagens em trânsito, poetas transformados em agentes culturais, configuram o que a autora chama de “novos nômades”. Pensando na experiência dos poetas e editores da literatura de folhetos no Brasil, essas vivências nômades não representam nenhuma novidade, como pudemos perceber ao longo da pesquisa.

A abordagem cartográfica, que aqui busco seguir, toma a historiografia não como uma sucessão de fatos, eventos, e sim como uma “justaposição de textos, mapas”, enfatizando “o processo de construção das relações de poder presente nos textos” (FERNANDES, 2012). Para Frederico Fernandes,

Enquanto a abordagem sincrônica culturalista guia-se pela tensão dicotômica, na qual os vetores ideológicos de formação cultural são intensificados, a abordagem cartográfica é uma análise descritiva e interventiva que considera os efeitos de subjetividade dos agentes envolvidos na performance (FERNANDES, 2012, p. 151).

Essa análise “descritiva e interventiva” busca interligar sujeitos e objetos, na tentativa de construir novos mapas da cultura pois, segundo Martin-Barbero (2004), a cartografia não precisa representar apenas fronteiras, pode representar encontros, relações, intercâmbios. E é nesse sentido do encontro e dos intercâmbios que caminha a minha escrita, numa tentativa de ligar a cidade do Porto à cidade do Recife, a vida de livreiros, editores e tipógrafos dessas duas cidades, ao percurso de poetas populares. Três sujeitos se cruzam nessa história: Joaquim Maria da Costa, editor da Livraria Portuguesa, na cidade do Porto; Ramiro Moreira da Costa, português emigrado para Recife, proprietário da Livraria Contemporânea e Leandro Gomes de Barros, poeta e editor de folhetos, um dos responsáveis pela criação do gênero literatura de cordel no Brasil.

### Um Costa de lá e outro de cá

A Editora de Joaquim Maria da Costa, sucessor dos Machado & Costa, estava localizada no Largo dos Loyos, 55-56, Porto. A Livraria Portuguesa vendia coleções de entremezes, fados, contos populares, “lindos livrinhos em versos amorosos e cartas amorosas em prosa e verso”. Em um folheto de 1902 aparece o seguinte anúncio: “Linda Collecção de livrinhos amorosos”; “Linda Collecção de Oraculos”; “Livrinhos de Canticos Religiosos”; “Collecção de contos modernos”; “Linda Collecção de testamentos”. Em 1903, a editora passou a vender também “Almanachs e Reportorios Saragoçanos para o anno” e “Histórias e contos recreativos para o povo”. Publicava ainda a Colecção de fados modernos (1893 a 1897) que teve em torno de 16 números. Na quarta-capa do folheto “Brados de Comiseração a favor das almas do purgatório” (s/d) encontramos a seguinte indicação das atividades desenvolvidas pela Livraria Portuguesa:

N’este estabelecimento há um variadíssimo sortimento de compêndios adoptados em todos os lyceus, collegios, aulas e escolas officiais e particulares do reino; livros de missa e semana santa, desde o preço de 160 reis até 9\$000 reis; obras místicas aprovadas pelas autoridades eclesiásticas; literatura histórica e clássica, de direito e medicina; uma abundante collecção de romances dos melhores autores e a preços reduzidos; bom sortido de obras recreativas e populares; obras theatraes; dramas, comedias, scenas e poesias cômicas; livros em branco, cartilhas, pautas, traslados, almanachs e reportórios de todos os autores, histórias e contos em prosa e verso para o

povo; Alfabets, taboadas, methodo facilimo, catecismo, Manual Enciclophedico; impressos para as escolas e professores de instrução primaria. Grande desconto para revender. Pedidos a Joaquim Maria da Costa, com direção acima mencionada.

Além dos cordéis publicados pela Livraria Portuguesa, tive acesso a textos e coleções de histórias populares publicados por outras casas como a Typographia de Antonio Alvarez Ribeiro (Officina de Antonio Alvarez Ribeiro; Tipografia da viúva Alvarez Ribeiro & Filhos); o Bazar Feniano - Livraria de Antonio da Silva Santos & C<sup>a</sup>, que depois passa para Diamantino da Silva Cardoso, já no século XX; a Livraria Chardron de Lello & Irmão; a Livraria Lello e irmão; a Typographia Gandra e Filhos; a Livraria de J. E. da Cruz Coutinho e a Livraria Civilização, de Eduardo da Costa Santos. O pesquisador Arnaldo Saraiva também menciona, no seu livro *Folhetos de cordel e outros da minha coleção*, outras 16 livrarias/tipografias/oficinas da cidade do Porto que editavam cordéis (SARAIVA, 2006).

Selecionei uma coleção editada por Ramiro Moreira da Costa para acompanhar o percurso desses livros: a *Coleção de Histórias Populares*. Os livros dessa coleção eram impressos na Typographia a vapor de Arthur José de Souza & Irmão, Largo de S. Domingos, 66-67 (ou 74-76). Cada título da coleção era vendido, em 1904, por 60, 80 ou 100 reis. Segundo Giselle Martins Venâncio,

As coleções criadas pelas casas editoriais europeias podem ser consideradas o principal instrumento de afirmação do poder dos editores marcando uma verdadeira ruptura no processo de publicação de livros desenvolvido até então. A criação de coleções populares foi, justamente, o que permitiu aos editores o estabelecimento de um comando editorial através do qual eles passaram a estabelecer as normas do mercado (VENÂNCIO, 2005, p. 5).

No percurso feito pela pesquisadora, trilhando os “caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas”, e que envolve três livreiros/editores – David Corazzi, Lisboa; Francisco Alves, Rio de Janeiro e Gualter Rodrigues, Ceará –, é possível “conhecer aspectos da história dos livros, desvendando, pelo menos em parte, a dinâmica cultural que se estabelecia entre a Europa e as diversas regiões do Brasil no século XIX” (VENÂNCIO, 2005, p. 5). Seguindo esse mesmo caminho, tento traçar uma cartografia da produção e comercialização de folhetos de cordel, de finais do século XIX até as primeiras duas décadas do século XX, levada pela mão do poeta Leandro Gomes de Barros. Mas, antes, sigo a refazer o percurso que me trouxe de volta para o Brasil.

Tive acesso a 29 títulos da *Coleção de Histórias Populares*, o mais antigo deles datado de 1891. Títulos como as “verdadeiras histórias” da Princesa Magalona, da Imperatriz Porcina, de João de Calais, do infante D. Pedro de Portugal, do Imperador Carlos Magno, passando pela “Verdadeira Malícia e maldade das mulheres e a malícia dos homens” (1901) e chegando à “História curiosa e engraçada do Preto e o Bugio Ambos no Matto, discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brasil e acrescentado com o engraçado Tango Americano” e “O velho, o rapaz e o burro e as canções – o sonho” (1897).

A editora também publicava a Bibliotheca de Leituras Populares, que reunia obras mais voltadas para histórias de crimes, venturas e desventuras amorosas, milagres de santos, “monólogos para amadores dramáticos”, entre outros títulos. E ainda, segundo informações de Arnaldo Saraiva, a coleção de contos populares portugueses – 16 títulos publicados desde o ano de 1885.

Joaquim Maria da Costa, no folheto “Breves noções de História Inglesa”, escreve a seguinte advertência:

Advertência do editor aos leitores dos livrinhos  
Quando me resolvi publicar a “Bibliotheca da História de todos os povos” não tive em mira lucros a auferir de tal publicação, mas tão somente divulgar o mais possível pelas classes menos abastadas, que não conhecem as línguas

estrangeiras umas breves noções, ou pequeno resumo da “História das grandes nações do mundo” para instrução não só dos portugueses, mas dos filhos das outras nações que desejem aperfeiçoar-se no nosso idioma. Os portugueses encontrarão n’esta amena leitura o conhecimento dos principais factos dos povos que até hoje mal conheciam, e aos estrangeiros servir-lhe-á de estímulo ao estudo quando desejem dedicarse à língua portuguesa, pois que ao mesmo tempo que se habilitam, pelo estudo, a uma língua estranha, utilizam e recordam os feitos heroicos dos seus antepassados. Se o Editor d’esta interessante collecção de livrinhos uteis, poder conseguir o que intenta, julgar-se-á bem pago do pequeno serviço que julga prestar áquelles que desejam instruir-se, preenchendo com esta publicação uma lacuna que desde há muito se sentia na literatura portuguesa. Porto, 1 de março de 1903. O editor, Joaquim Maria da Costa.

Foi a partir dos anos 1845 que começaram a surgir as séries e coleções populares em Portugal, destinadas “à vulgarização de um modelo massificado da “boa literatura”, de conhecimentos úteis ou de formas de comportamento social e moral” (PINTO; MONTEIRO, 2013, p. 206). A abertura do mercado e a possibilidade de os editores ganharem dinheiro com a comercialização de obras parecia desagradar aos intelectuais e literatos, mas garantiu o sustento de muitas famílias e contribuiu para a profissionalização desses mesmos trabalhadores.

Os “livrinhos uteis” que chegavam às “classes menos abastadas” atravessaram o mar e chegaram às mãos de outro livreiro português. Nesse mesmo folheto de 1903 aparece a informação de venda das obras editadas na Livraria Portuguesa para a Índia, África, EUA (Califórnia) e Brasil. No Brasil o “depósito geral” de livros era a “livraria do sr. Ramiro Moreira Costa & C<sup>a</sup>, em Pernambuco”.

E chego ao nosso segundo viajante, atraco no cais do porto, em Recife, e caminho até a rua 1º de Março, onde estava localizada a Livraria Contemporanea de Ramiro Moreira da Costa. Em 1890, já aparecem notícias sobre caixas enviadas a Ramiro Costa em vapores que chegavam de Lisboa ao porto do Recife (*Jornal A província*, 21 de janeiro de 1890). A livraria vendia materiais para escritório, instrumentos musicais, tinta e typos, brinquedos, impressos, ferragens, papel, livros, pratos de porcelana, pinturas de artistas franceses, charutos, imagens sacras, fotografias, móveis, bolsas escolares...

Sobre a vida movimentada do estabelecimento, dão conta as seguintes notícias publicadas também no jornal *A província*:

- Exposição do “retrato do grande chefe abolicionista e republicano cearense João Cordeiro”, feito por Libanio Amaral (15 de maio de 1890);
- Exposição Peitoral de Cambará – quadro com a “fotografia do suntuoso estabelecimento Agrico Industrial do Parque Pelotense [...] onde funciona a importante fábrica do precioso medicamento denominado Peitoral de Cambará” (18 de janeiro de 1891);
- Exposição de um “grande quadro das fotografias do atelier Frederico Ramosa” (2 de junho de 1891);
- Anúncio à procura de professor para atuar no engenho da Gamelleira, tendo a livraria como local de contato (21 de janeiro de 1900).

Chama a atenção uma exposição de um quadro de “suntuoso estabelecimento” que poderia funcionar para atrair compradores para um remédio que seria vendido, futuramente, no mesmo estabelecimento loja. A presença de anúncios para a contratação de professores também evidencia o importante papel desempenhado pela livraria no campo da instrução e formação de novos leitores e leitoras.

Ramiro Moreira da Costa viveu 76 anos, entre idas e vindas a Portugal para cuidar da saúde e dos negócios. Chegou ao Brasil em 1878, desembarcando no Maranhão, onde foi comerciante durante algum tempo. Depois, em 1888, instalou a Livraria Contemporanea na

cidade do Recife que passa, a partir de 1905, a aparecer nas notícias de jornal com o nome de Ramiro Moreira da Costa & Filho. Nesse período, o local, mais do que um ponto de venda, era um ponto de encontro de intelectuais, a exemplo do que acontecia no Rio de Janeiro, como demonstram os estudos sobre livrarias, tipografias e editoras de Hallewell (1985), Abreu e Schapochnik (2005) e Venâncio (2005), para citar apenas alguns nomes.

Ramiro Costa participou da vida cultural e de negócios da cidade do Recife. Foi suplente da comissão fiscal do Banco Popular, eleito em 1891; em 1900 possuía 20 ações da Companhia Tethys de seguros marítimos e terrestres; foi procurador do senhor José Gonçalves Dias, proprietário de “fábrica de surragem, compra e venda de solla, sita a rua da Palma, n. 97” (*A província*, 16 de maio de 1900); fez parte da comissão de árbitros da Alfândega de Pernambuco “para o fim de resolver sobre as questões que forem suscitadas acerca da classificação de mercadorias”, na Classe 19 – Papel e suas aplicações (*A província*, 14 de março de 1901); juiz por devoção “da tradicional festa do senhor Bom-Jesus do Bom-Fim a realizar-se no dia 01 de janeiro de 1906 na cidade de Olinda”; acionista da Companhia Industrial Fiação e Tecidos de Goyanna, em 1906, negócio que passa a ser de um dos seus filhos; membro da Junta administrativa da Santa Casa de Misericórdia do Recife, 1916, e, por fim, integrante da Comissão Pro-Pátria criada em função da “situação melindrosa de Portugal diante da declaração de guerra feita pela Alemanha” (*A província*, 20 de março de 1916). Temos aqui apenas alguns exemplos da atuação de Ramiro Costa na cidade de Recife e também em Goyanna (atual Goiana-PE), nas duas primeiras décadas do século XX.

Durante o velório do seu filho, Eugenio de Almeida Costa, morto aos 36 anos, compareceram “associações religiosas, membros de associações maçônicas, alto comercio, funcionários públicos estaduais e federais” (*A província*, 09 de agosto de 1921). Talvez esse seja um bom resumo dos espaços ocupados pelo comerciante e da atuação do Costa de cá, durante as cinco décadas em que viveu na cidade do Recife.

## E eis que surge o poeta

Construir uma cartografia de editores, impressores e livreiros das cidades do Porto e do Recife me levou a um encontro inusitado com o poeta Leandro Gomes de Barros, encontro este que terminou por me trazer de volta às questões que me inquietavam, naquele ano de 2013: sobre os “novos escritores” que circulavam em feiras e exposições, recebiam cachês para participarem de eventos culturais e acadêmicos, chamados de verdadeiros agentes culturais. Seguindo os passos de Ramiro da Costa, através dos jornais disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como descrito anteriormente, eis que me deparo com a seguinte notícia: “Enviado pelo seu autor o sr. Leandro Gomes de Barros, recebemos ontem um exemplar de sua edição de versos sobre ‘A Morte do dr. José Marianno’. Gratos.” (*Jornal de Recife*, 20 de junho de 1912).

Leandro Gomes Barros, assim como o Ramiro Moreira da Costa que comunicava ao Jornal as novidades que chegavam à sua livraria, também anunciava suas novas produções. Em 16 de novembro de 1915, o mesmo jornal noticia um opúsculo do poeta, tomando por tema a morte do D. Luiz Raymundo da Silva Brito, arcebispo de Olinda. No dia 31 de maio de 1916, temos a seguinte notícia:

Um protesto

Veio ontem ao nosso escritório o sr. Leandro Gomes de Barros, autor de numerosos versos populares, tais como “A vassourinha” e tantos outros e declarou-nos protestar contra o sistema de alguns indivíduos venderem livros de versos com o seu nome. Entre outros citou o nome do Sr. Simão Francisco Marques, que assim procedeu no Amazonas.



Protestos semelhantes também foram feitos pelo poeta Gonçalves Dias, como comprovam os estudos de Marisa Lajolo: o poeta se queixava na imprensa sobre a distribuição no Brasil de exemplares da edição de seus poemas intitulados “Contos”, publicados em 1857 pelo tipografo/editor alemão Brockhaus, pois o contrato com a editora só permitia a distribuição do livro na Europa (LAJOLO, 2005).

A participação de Leandro no mundo das editoras e livrarias não se restringia à edição e venda de folhetos. É possível afirmar que ele administrava, com a ajuda da filha Rachel, que assinava muitos dos seus folhetos como uma forma de garantir a originalidade da cópia, um completo sistema de produção e comercialização. O poeta se inseria nas brechas do sistema (capitalista, globalizado) que envolvia, além da escrita, a edição, publicação e venda de livros; a participação nas redes de socialização da cidade de Recife e de outras cidades; o envio de notas para os jornais e as viagens constantes às cidades de Juazeiro do Norte-CE, Paraíba e Rio Grande do Norte, além de cidades do interior dos estados de Pernambuco. A imagem do poeta popular com sua mala de livros debaixo do braço, vendendo em feiras de pequenas cidades do sertão, não parece compor, por completo, a figura do Leandro Gomes de Barros que venho tentando desenhar.

Em 23 de agosto de 1917, o poeta enviou ao jornal *A província* o folheto “O pão e a batata”. Essa primeira notícia que encontrei me conduziu a uma série de outras notas publicadas em jornais de Pernambuco e do Ceará. No jornal *O rebate* (Juazeiro do Norte), de 28 de novembro de 1909, publica o cordel “Lucta do diabo com Antonio Silvino”. A partir dessa publicação, localizei outros 6 poemas, todos publicados numa seção intitulada *Lyra Popular*:

- *A criação do mundo*, em 19 de dezembro de 1909;
- *As capas de uma viúva*, em 16 de janeiro de 1910;
- *Ciume de duas noivas*, em 23 de janeiro de 1910;
- *O padre de Joazeiro*, em 06 de fevereiro de 1910;
- *A proclamação dos banhos*, em 20 de fevereiro de 1910;
- *As lagrimas de Antonio Silvino por Tempestade*, em 6 de março de 1910.

O folheto “Lucta do diabo com Antonio Silvino”, publicado no jornal com um total de 26 estrofes, está disponível na *Coleção Cordel*, da Fundação Casa de Rui Barbosa, numa versão com 40 estrofes. Nesse folheto também consta o poema “Vingança d’um filho”. Foi publicado ainda nessa coleção o folheto “As lagrimas de Antonio Silvino por Tempestade”.

Sobre o jornal *O Rebate* sabemos que foi impresso em Juazeiro do Norte-CE entre os anos de 1909 e 1911, com edições semanais, geralmente aos domingos. Fundado pelo padre Joaquim de Alencar Peixoto, também diretor e redator-chefe do jornal, tinha como propósitos contribuir para a autonomia política de Juazeiro, naquela época subordinado ao Crato, e defender o Padre Cícero, um dos principais motivadores e apoiadores do periódico. Assis Daniel Gomes analisa os poemas publicados na seção *Lyra Popular*, nos anos de 1909 e 1910, e enumera os principais temas e poetas que ocuparam as páginas do jornal (GOMES, 2013). Leandro Gomes de Barros estava entre os primeiros, com 48% das citações.

A publicação do folheto “O padre de Joazeiro”, em 06 de fevereiro de 1910, evidencia um traço do poeta que difere dos muitos outros folhetos nos quais a defesa do clero jamais aparecia. Talvez como parte das estratégias do poeta para se inserir na cultura letrada, o tom é bastante ameno e há mesmo uma defesa do padre contra todos que o acusavam de se aproveitar da fé e devoção dos pobres com fins políticos:

No sertão do Ceará  
Apareceu um pastor  
E qual outro Christo, nosso



Adorável Salvador,  
É um anjo de bondade  
Enviado do Senhor.

É um pastor exemplar  
O padre do Joazeiro  
Dão-lhe esmola e dá esmola  
E não é interesseiro  
Tudo que faz é de graça  
Não aprecia dinheiro.

[...]

A uns quinze dias passados  
Disse-me um velho romeiro  
Que está suspenso de ordem  
Por não ser interesseiro  
Os padres detestam elle  
Por não gostar de dinheiro.

[...]

Elle é desses que detestam  
A maldita corrupção  
Julga que a graça de Deus  
É o verdadeiro pão  
E o homem lucra tudo  
Se ganhar a salvação.

As notícias veiculadas nos periódicos chamam a atenção para uma rede de sociabilidade que coloca o poeta em contato com as chamadas elites intelectuais da cidade de Recife e também do Juazeiro do Norte, além de profissionais liberais e comerciantes em geral. Vejamos os que dizem os estudos mais recentes sobre a obra do poeta e sobre a literatura de folhetos do Nordeste.

Sobre o campo literário que envolve a literatura de cordel, evidencio os estudos da pesquisadora Bruna Paiva de Lucena que vem discutindo, desde a sua dissertação de mestrado, defendida em 2010, esses lugares de disputa. No seu livro *Poéticas a céu aberto: o cordel e a crítica literária*, Lucena (2018) tece críticas à “concepção escriptocêntrica” da literatura brasileira e a forma como a crítica literária, em especial as obras de Silvio Romero, José Veríssimo, Afrânio Coutinho e Antonio Candido, lida com a presença/ausência das literaturas de tradição oral na vida cultural do país.

Lucena (2018), no capítulo I – Fora do Prumo, discorre ainda sobre as estratégias de resistência utilizadas pelos/as escritores/as “no âmbito das poéticas periféricas e populares”. Menciona, a partir dos questionamentos de Judith Butler (posicionalidade estratégica) e James C. Scott (resistência cotidiana), formas de resistência presentes nas práticas dos/as escritores/as da literatura de cordel, que, para alguns setores do “meio erudito”, podem parecer formas de submissão.

Acredito que as práticas de Leandro Gomes de Barros, as estratégias utilizadas pelo poeta para conseguir “viver de poesia”, não adquiram esse caráter de submissão, mesmo quando aparecem em meios eruditos. O trânsito entre os “locais da cultura” (BHABHA, 2005) por onde transitava revela, talvez, muito mais uma inserção pelas bordas, com a intenção de fazer parte do centro, do que uma submissão, mesmo que estratégica. Leandro ocupa os jornais, as livrarias, os locais de prestígio, ao mesmo tempo que vende seus folhetos nas feiras, viaja pelos interiores com sua mala e “compra briga” na rua com aqueles que vendem seus poemas por “debaixo do balcão”.



Um escritor que vive da venda de seus folhetos, que circula por várias cidades do Nordeste, que publica versos em um jornal de Juazeiro do Norte-CE, não parece se encaixar no perfil traçado por alguns pesquisadores e repetido infinitas vezes nos estudos sobre a chamada poesia popular. Vejamos a biografia presente no *site* da Fundação Casa de Rui Barbosa:

Sua atividade poética o obriga a viajar bastante por aqueles sertões para divulgar e vender seus poemas e tal fato é comentado por seus contemporâneos, João Martins de Ataíde e Francisco das Chagas Baptista [...]. Foi um dos poucos poetas populares a viver unicamente de suas histórias rimadas, que foram centenas. Leandro versejou sobre todos os temas, sempre com muito senso de humor.<sup>69</sup>

Nascido na cidade de Pombal-Parahyba, em 1865, mas criado até os quinze anos na cidade de Teixeira, é possível afirmar que a formação de escritor passa pela mão de padres da Igreja Católica (era sobrinho do Padre Vicente Xavier de Farias), de poetas/cantadores da cidade, como Francisco Romano, Germano da Lagoa e Silvino Pirauá, de frequentadores das livrarias, tipografias e redações de jornais e do mercado São José, na cidade de Recife, sem falar nos trilhos do trem. Como sabemos, a Rede Ferroviária do Nordeste (antiga *Great Western of Brazil Ry*) unia os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Nesse mapa estão interligadas as cidades de Recife, Fortaleza, Teresina e depois Belém, que passou a ser um centro de produção e distribuição de folhetos no Brasil.

As andanças de Leandro Gomes pelos sertões sempre aparecem nas notas biográficas. O que nunca aparece é a sua atuação no meio intelectual da cidade de Recife, o convívio entre os “homens de letras”, as conversas na Livraria Contemporanea, visitas às bibliotecas e gabinetes de leitura (disso não tenho notícia, mas quero poder imaginar que, de fato, aconteciam).

É possível desenhar um mapa de percurso do poeta na cidade do Recife: da rua 1º de Março, onde se localizava a Livraria Contemporanea, para o Mercado São José eram 7 minutos a pé; o Gabinete Português de Leitura ficava a 2 minutos da Livraria e a Câmara Municipal, onde funcionou a Biblioteca Provincial (no período de 1875 a 1930), a 14 minutos, com uma passagem pela ponte Santa Isabel, última ponte sobre o rio Capibaribe.

Leandro Gomes de Barros, que escrevia, imprimia e vendia seus folhetos, também fazia suas performances nos mercados e estações de trem, conversava com intelectuais da cidade, pagava anúncios de suas produções nos jornais e denunciava “alguns indivíduos [por] venderem livros de versos com o seu nome”, como pudemos acompanhar nesse estudo. Ruth Terra informa que o poeta vendia seus folhetos nas ruas de Recife, nos bares do largo das Cinco Pontas, nas estações de trem e dentro dos trens (TERRA, 1983). Essa informação parece ter contaminado todas as outras ações do poeta, como se vender folhetos na rua e nas estações de trem o impossibilitasse de também publicar seus versos em jornais e participar de ciclos de conversa e trocas de experiências de leitura em locais frequentados pela elite intelectual da cidade. Um público urbano, com práticas de sociabilidade que envolvem os gabinetes de leitura, as bibliotecas, as livrarias, parece não fazer parte da história da literatura de cordel. E essa imagem vai se propagando nos vários estudos sobre o gênero.

Por fim, retomo a discussão sobre cartografias e mapas na tentativa de imprimir mais alguns versos a essa narrativa. Para Harley (1990), a cartografia nunca é apenas o desenho de mapas – ela é a fabricação de mundos. E já que eu posso fabricar mundos, mas não sem muito esforço e apoiada em alguma documentação, imagino um mundo separado por um oceano, mas unido por poetas e cantadores, tipógrafos e homens de negócio.<sup>70</sup> Conversas na Livraria

<sup>69</sup> Coleção Cordel. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>70</sup> Não tive acesso a pesquisas que tratem da atuação das mulheres nesse campo, mas fica aqui o convite para futuras investigações.

Contemporanea, visitas aos jornais e tipografias, calorosos debates em praças públicas. As trocas culturais, nesse mundo globalizado do século XIX, como afirma Jean-Yves Mollier (2008), desafiavam as fronteiras que nós mesmos, pesquisadores desse século XXI, insistimos em levantar. E se, no gênero editorial cordel, Belém fica bem mais perto de Recife do que a Parahyba, o Porto fica logo ali.

## Referências

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ANSELMO, Artur. **História da edição em Portugal**, vol. 1, [s.l], Lello & Irmão, 1991.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Tradução Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 7-17, 2007.

FERNANDES, Frederico. O atributo da voz: poesia oral, estudos literários, estudos culturais e abordagem cartográfica. **Revista Anpoll**, v. 1, n. 33, 136-157, 2012.

GOMES, Assis Daniel. História e literatura: a seção “Lyra popular” no jornal o “Rebate” de “Joaseiro” (1909-1910). **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, V. 2, N. 3, set.-dez, 2013, p. 27-44.

HALLEWLL, L. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

HARLEY, J. B. Cartography, Ethics and Social Theory. **Cartographica** 27 (2), p. 1-23, 1990.

HOFFMAN, Eva. The New Nomads. In: ACIMAN, André, ed. **Letters of Transit: reflections on exile, identity, language, and loss**. New York: The New York Press/The New York Public Library, 1999.

LAJOLO, Marisa. O preço da leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista. In: ABREU, Marcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005. p. 61-73.

LUCENA, Bruna Paiva de. **Poéticas a céu aberto: o cordel e a crítica literária**. Brasília: Edições Carolina, 2018. (Edição Kindle)

MARTIN-BARBERO, Jésus. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Tradução Fidelina Gonzáles. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Coleção comunicação contemporânea 3)

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.



MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo - Ensaio sobre História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2008.

PINTO, António Costa; MONTEIRO, Nunno Gonçalo (dir.). **História contemporânea de Portugal: 1808-2010**. V. 2. A construção nacional (1834-1890). Lisboa: fundação Mapfre; Objectiva, 2013.

SARAIVA, Arnaldo. **Folhetos de cordel e outros da minha coleção**. Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garret, 2006.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Marcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005. p. 229-243.

TERRA, Ruth. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste, 1893-1930**. São Paulo: Global Editora, 1983.

VENÂNCIO, Gisele Martins. Lisboa – Rio de Janeiro – Fortaleza. Os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues. **Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias**, vol. 21, 2005.

[Recebido: 29/12/2020 – Aceito: 29/12/2020]